



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA

PRE-HOSPITAL COMBAT CARE – APHC- MARC1 PROTOCOL- A VITAL TOOL FOR PUBLIC SECURITY OPERATORS

ATENCIÓN PREHOSPITALARIA DE COMBATE- APHC- PROTOCOLO MARC1- UNA HERRAMIENTA VITAL PARA LOS OPERADORES DE SEGURIDAD PÚBLICA

Anderson Cristo Piske¹

e4104107

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i10.4107>

PUBLICADO: 10/2023

RESUMO

O presente artigo aborda como tema o atendimento pré-hospitalar em combate, protocolo MARC-1. O objetivo é demonstrar como esse tipo de atendimento representa uma ferramenta de exímia importância, em prol dos profissionais que atuam na segurança pública. A metodologia adotada foi a pesquisa de cunho bibliográfico. A fundamentação abordou alguns itens que abordam o que esse protocolo MARC -1 representa e como ele vem a ser colocado em prática. O artigo visa demonstrar como existe todo um viés para que o atendimento ocorra de uma maneira satisfatória, antes de encaminhar o profissional para o hospital, um atendimento que por sinal, tende a salvar a vida desses operadores da segurança pública em diversos casos. Nas considerações finais, os leitores podem observar como se trata de uma necessidade compreender a sequência de ações que culminam em uma prestação de socorro proficiente aos profissionais que combatem a criminalidade no dia a dia.

PALAVRAS-CHAVE: MARC-1. Operadores. Segurança. Atendimento.

ABSTRACT

The theme of this article is pre-hospital care in combat, MARC-1 protocol. The objective is to demonstrate how this type of service represents a tool of great importance for the benefit of professionals who work in public security. The methodology adopted was bibliographic research. The rationale addressed some items that address what this MARC-1 protocol represents and how it comes to be put into practice. The article aims to demonstrate how there is a bias for the care to occur in a satisfactory way, before referring the professional to the hospital, a service that, by the way, tends to save the lives of these public security operators in several cases. In the final considerations, readers can observe how it is a necessity to understand the sequence of actions that culminate in the provision of proficient assistance to professionals who fight crime on a daily basis.

KEYWORDS: MARC-1. Operators. Security. Service.

RESUMEN

El tema de este artículo es la atención prehospitalaria en combate, protocolo MARC-1. El objetivo es demostrar cómo este tipo de servicio representa una herramienta de gran importancia en beneficio de los profesionales que trabajan en seguridad pública. La metodología adoptada fue la investigación bibliográfica. La justificación abordó algunos puntos que abordan lo que representa este protocolo MARC-1 y cómo se pone en práctica. El artículo tiene como objetivo demostrar cómo existe un sesgo para que la atención ocurra de manera satisfactoria, antes de derivar al profesional al hospital, un servicio que, por cierto, tiende a salvar la vida de estos operadores de seguridad pública en varios casos. En las consideraciones finales, los lectores pueden observar cómo es necesario comprender la secuencia de acciones que culminan en la prestación de una asistencia competente a los profesionales que luchan diariamente contra el crimen.

PALABRAS CLAVE: MARC-1. Operadores. Seguridad. Servicio.

¹ Academia Policial Militar do Guatupê.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA
VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

INTRODUÇÃO

O presente artigo abordou como tema o atendimento pré-hospitalar em combate (APHC) protocolo MARC-1, como se trata de um conjunto de ações que devem ser determinadas quando o policial sofre algum ferimento grave durante as suas ações profissionais.

O objetivo é demonstrar como esse tipo de atendimento representa uma ferramenta de exímia importância, em prol dos profissionais que atuam na segurança pública, e como é de extrema importância que os profissionais possam conhecer as técnicas do APHC/ MARC-1 para que possam realizar um atendimento específico capaz de manter o Agente de Segurança ou qualquer pessoa viva até a equipe de saúde chegar.

A metodologia adotada foi a pesquisa de cunho bibliográfico, tendo sido realizadas diversas consultas em publicações e obras de autores renomados e que muito contribuíram com o desenvolvimento do tema específico que foi apontado.

A pesquisa se justifica pelo fato de que o trabalho dos profissionais que se encontram inseridos na segurança pública é de extrema periculosidade e em suas abordagens existem diversos tipos de riscos que podem culminar com danos à saúde dos membros dessa classe de profissionais, e em alguns casos, ocorrem lesões tão significativas, que verdadeiramente não é possível esperar até que as ambulâncias cheguem, ou seja, transportado até o nosocômio, com efeito, os policiais necessitam de conhecimento com relação aos primeiros socorros de atendimento pré-hospitalar, e ao protocolo MARC-1, representando uma grande amostra de como isso pode ser feito.

A fundamentação abordou alguns itens que abordam o que esse protocolo MARC-1 representa e como ocorre sua prática, por exemplo, e o que representa os primeiros socorros, e a necessidade de investigar de maneira correta, o tipo de lesão que o profissional da segurança pública sofreu.

O artigo visa demonstrar como existe todo um viés para que o atendimento ocorra de uma maneira satisfatória, visando minimizar as chances de o policial ferido entrar em óbito antes mesmo de ser encaminhado ao hospital para atendimento especializado, um atendimento que por sinal, tende a salvar a vida desses operadores da segurança pública em diversos casos.

Nas considerações finais, os leitores podem observar os elevados riscos que existem no trabalho dos policiais, com amplo destaque para as abordagens, ao mesmo tempo em que se trata de uma necessidade compreender como existe uma sequência de ações que culminam em uma prestação de socorro proficiente aos profissionais que combatem a criminalidade no dia a dia.

2. DESENVOLVIMENTO

Quando se trata de citar a atividade policial é preciso levar em consideração o fato de que sua prática apresenta uma forma de ser realizada, ou seja, é preciso que o profissional da área de segurança pública faça essa atividade de uma maneira correta, baseada na legislação, nas técnicas e táticas policiais, porém, a atividade policial é repleta de riscos à integridade de seus operadores.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA
VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

É mais do que comum ver pessoas reclamarem do fato de serem abordadas ou verem algum tipo de direito “*in tese*” cerceado, e essa é uma realidade que é justificada pela desinformação das demais pessoas que estão próximas a abordada, no entanto, existe um viés de extrema importância que necessita ser levada em consideração que são os riscos que existem a atividade em si. (Pasetto, 2010).

Em toda abordagem policial a ação pode ser resolvida desde comandos verbais, até mesmo o uso de força letal em casos de ameaça letal ao policial ou a terceiros (outros cidadãos). Os níveis de força apresentam variações de progressividade e escalonamento mutável, onde cada situação enfrentada pelo policial é única. De modo que, o bom julgamento e as circunstâncias de cada uma delas ditará o nível de força que o policial utilizará. As circunstâncias são percebidas pelos policiais de acordo com o ambiente e a ação do suspeito abordado.

Muitas vezes, as pessoas se negam a passar pela abordagem, o que é um erro crasso, principalmente pelo fato de os policiais serem autoridades, e isso quer dizer que devem ser obedecidos, claro que não de forma arbitrária (Mattos, 2016).

A atividade da Segurança Pública é um trabalho que se justifica pela sua importância no controle e contenção de ações criminosas, trazendo-se à baila a discussão sobre o uso da força letal ou não e as garantias legais para a execução do serviço policial.

Paralelo a isso, nota-se o crescimento vertiginoso de pessoas a margem da sociedade envolvidas em crimes dos mais variados tipos, onde estes marginais, no afã de se desvencilharem da atuação do Estado, muitas vezes oferecem resistência à ação policial, inclusive, resistindo com uso de força letal.

Neste diapasão, vale ressaltar que o poder bélico dos criminosos está cada vez mais robusto e trazem grandes danos à integridade física dos agentes de segurança que atuam em nome do Estado, que muitas vezes repelem a injusta agressão com poder bélico relativamente inferior aos criminosos.

É preciso entender que se trata de uma profissão de extremo risco, logo, há necessidade contínua de aperfeiçoamento e treinamentos por parte dos policiais, e, diante deste extremo risco, torna-se necessário que os Operadores de Segurança Pública detenham o conhecimento apropriado ao que tange as ações de atendimento pré-hospitalar em combate.

A paz, a estabilidade e a segurança em uma cidade, Estado ou mesmo num país, em grande medida, dependem da capacidade de suas organizações de aplicação da lei em fazer cumprir a legislação nacional garantindo os direitos e exigindo o cumprimento dos deveres da população. Afinal, a capacidade das organizações na aplicação da lei é condição necessária, mas não suficiente para garantir a paz social.

Nota-se que a polícia é responsável por manter o pacto social e o respeito às leis, garantido a construção da cidadania (direitos civis, políticos e sociais), pois age na legalidade (ALMEIDA, 2007),



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA
VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

e inúmeras vezes é confrontada e posta à prova, inclusive, seus agentes, por vezes são agredidos gratuitamente e expostos a graves ofensas à integridade.

O trabalho policial envolve sempre relações interpessoais. O policial opera num tecido complexo e extremamente variável de interações sociais. São, muitas vezes, situações de conflito, humanas, dramáticas, que podem envolver todos na comunidade. As pessoas podem aparecer de diferentes maneiras, ora como vítimas, ora como agressores, ora como espectadores diretos ou indiretos, outras vezes como parceiros ou adversários, às vezes necessitando de auxílio e proteção, mas todos com o objetivo de ter seus direitos resguardados pelos agentes de aplicação da lei (Bayley, 2001).

Desta forma, a atividade policial é coberta por incertezas, podendo o policial militar, por exemplo, ser surpreendido a qualquer momento por uma ocorrência policial, independentemente do local, na periferia ou nos centros urbanos, durante o dia ou noite, com um ou mais criminosos, portando armas de fogo de extrema letalidade, ou até mesmo outros objetos perfurocortantes etc. Ainda, na atividade policial, é possível se deparar com pessoas mentalmente perturbadas, embriagadas ou sob efeito de drogas, enfim, geram uma apreensão durante o serviço, que em uma fração de segundos, pode passar da condição de normalidade a um confronto armado com múltiplos participantes.

Os profissionais da Segurança Pública arriscam a vida para o bem da sociedade, para tanto, necessitam ter o respaldo legal em suas ações, bem como estarem munidos de todo o conhecimento através de técnicas e táticas policiais, assim como de equipamentos e armamentos que favoreçam a sua atuação profícua na sociedade.

Então, além de todo o arcabouço de conhecimento para a defesa da sociedade, o policial também precisa estar habilitado ao uso de ferramentas específicas ao atendimento pré-hospitalar de combate, sob a égide do protocolo MARC-1 em caso de ser vítima de lesão grave, ou prestar algum auxílio a determinada pessoa que seja vítima de lesão grave, normalmente proveniente de confrontos armados.

O atendimento pré-hospitalar de combate teve origem em atividades de guerra, esse tipo de protocolo possui algumas exigências, para que possa ser colocado em prática com proficiência, além do intenso treinamento, velocidade de raciocínio e observações rápidas, pela necessidade de se atuar sobre a principal dificuldade que os feridos possuem, dando condições de sobrevivência até o atendimento especializado.

Hipoteticamente, no caso de um policial vir a ser alvejado com apenas um disparo, atingindo seus membros inferiores, por exemplo, pode ter sua vida ceifada em poucos minutos, caso o disparo atinja uma região de veias ou artérias, logo a necessidade de conhecer e atuar nos primeiros socorros pré-hospitalares.

Existem casos, em que não são os policiais feridos em confrontos com os criminosos, e sim a população, e nesse ínterim, os profissionais da segurança pública realizam os primeiros socorros



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

(APHC), salvando assim muitas vidas, antes que os serviços de saúde chegam ao local (Almeida, 2007).

O atendimento é prestado por um operador tático no local do evento, enquanto ele e o ferido ainda estão sob fogo hostil eficaz. O risco de prejuízo para o combatente “socorrista” e do prejuízo adicional para os feridos anteriormente será reduzido se a atenção imediata é direcionada para a supressão do fogo hostil ou eliminação da ameaça. A guarnição precisa, portanto, inicialmente ajudar no retorno de fogo em vez de parar para cuidar do ferido (Oliveira; Teixeira, 2002, p. 44).

No ano de 2019, um torcedor do Clube Atlético Paranaense¹, teve uma das mãos mutilada em virtude de um sinalizador que explodiu. Então, rapidamente, foi socorrido por policiais militares, que de pronto, utilizaram as técnicas e equipamentos do APHC/MARC-1 através do uso de torniquete, salvando a vida do torcedor.

Além da possibilidade de um policial ser ferido em confronto, também há um perigo eminente de que civis possam ser vítimas de ações criminosas, logo, com a intervenção policial eficaz, até o encaminhamento de feridos aos hospitais, há reais chances de sobrevivida das vítimas.

O Atendimento pré-hospitalar tático (APH tático) como também é chamado, tem por finalidade fazer o resgate dos feridos, e seus desafios são ímpares para tais profissionais que atuam nesse ambiente, que incluem também os prestadores de serviços médicos de emergência (Souza; Minaio, 2005).

O resgate tático é o atendimento emergencial fora do hospital, comumente ligado às operações de alto risco e confrontos armados diuturnamente das polícias, então este ambiente tático é o local de atuação das forças militares durante a missão.

Para que esses profissionais possam receber um suporte quando são feridos em confrontos, ou mesmo nos mais diversos tipos de atuações da atividade policial, é preciso que esses profissionais possam receber os primeiros socorros de maneira rápida e eficaz, entendendo que os primeiros minutos de resposta aos ferimentos serão cruciais na manutenção da vida ou não do Operador de Segurança, e, informalmente, a premissa de que estes primeiros minutos são “os minutos de ouro”.

No entanto, é necessário compreender de uma maneira mais clara, o que representa o protocolo MARC-1 e em quais momentos ele deve vir a ser aplicado, e também, destacar como os policiais estão passando por aperfeiçoamento, para que possam prestar esse tipo de atendimento de uma maneira benéfica (Pasetto, 2010).

O protocolo MARC-1 pode ser compreendido como um *mnemônico*, o que na língua portuguesa representa a junção de uma palavra com as iniciais de outras, e também serve como um lembrete, a fim de facilitar melhor compreensão desta tão útil ferramenta.

A palavra MARC representa o termo massivo, representado pela inicial M, o termo ar pela letra A, o termo respiração pela letra R e por fim, a letra C, que significa o calor, todos compostas por

¹ BEM PARANA- Vídeo: Fogo de artifício explode na mão de torcedor do Athletico. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/esportes/atletico-paranaense/video-bomba-explode-na-mao-de-torcedor-do-athletico/>, acesso 10 set. 2023.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

fatores que são fundamentais a serem observadas no momento de salvaguardar a vida do policial e/ou vítimas civis, adotando as medidas corretas dos primeiros socorros no atendimento pré-hospitalar em combate.

Após o policial ser ferido, é realizada uma análise rápida por parte dos demais profissionais que se encontram à sua volta, o primeiro passo a ser executado diz respeito ao ato de conter a hemorragia massiva, ou seja, realizar um procedimento com os materiais para esse fim, visando conter a sangria, e evitar que a pessoa entre em óbito por esse motivo (Rasmussen, 2015).

A realização de um torniquete é muito eficaz nesse sentido, e por essa razão, controla a perda de sangue até que o ferido possa ter a oportunidade de receber um atendimento médico qualificado (Meirelles, 2000).

Não é demais lembrar, que esse tipo de protocolo serve apenas para manter a pessoa viva, e ao mesmo tempo, não pode ser considerado como um substituto para o tratamento médico de qualidade e que se alinhe a cada uma das necessidades.

Infelizmente, o tema relativo ao uso de torniquetes ainda esbarra em muita falta de conhecimento, inclusive por profissionais da saúde, e os Governos investem muito pouco nesta temática perante os Órgãos de Segurança Pública, de modo que, centenas de milhares de agentes de segurança, conhecem do equipamento, mas sequer manusearam algum torniquete durante toda a vida. Realidade esta que necessita ser modificada urgentemente, visando atender toda a classe de agentes de segurança.

Sobre esta temática, em países de primeiro mundo, crianças são instruídas como usar um torniquete, em caso de um ferimento grave, daí a sua importância e efetividade em uma situação emergencial. Nos Estados Unidos da América, em virtude de alguns ataques ocorridos envolvendo atiradores ativos, crianças e adolescentes passam a portar torniquete, junto ao material escolar, como forma de precaução caso venham a ser vítimas de disparos de arma.

Outra verificação que deve ser feita para socorrer o ferido, de acordo com o protocolo MARC-1, diz respeito a verificação se a vítima consegue respirar, ou seja, analisar se as vias aéreas estão funcionando, ainda que minimamente.

Sem uma respiração qualificada, pouco pode ser feito para salvar a vida do ferido, e por essa razão, deve ser a primeira ação a ser vista, a fim de evitar que a pessoa entre em óbito, e por essa razão, há pouco tempo para que ela seja colocada em prática (Meirelles, 2000).

O controle de vias aéreas vale-se das manobras já conhecidas para desobstrução da via, atentando-se para a preferência do uso nasofaríngeo para o paciente, sob a ótica do operador básico de APHC-MARC 1. Ainda, a reavaliação contínua das vias aéreas é mandatória.

E num segundo momento, havendo mais recursos, pode ser utilizado o procedimento extraglóptico (entubação) para o paciente sem obstrução, porém inconsciente, ou até mesmo realizar a cricotireoidotomia (incisão da pele da membrana da cricotireoide) é fundamental nos traumas graves em face ou queimaduras nessa região, bem como uma incisão de pneumotórax, mas já seria



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

para realização por Operadores avançados das técnicas de MARC-2 e MARC-3, que não estão sendo expostas neste momento.

Dada sua capacidade de levar o paciente à morte de forma rápida, o pneumotórax hipertensivo é exaustivamente abordado pelo protocolo. Os locais para realização do tratamento são semelhantes aos manuais civis, mas as determinações para realização de uma segunda perfuração em mesmo hemitórax (ou mesmo no lado contralateral) em caso de falha após primeiro procedimento ou na piora após tratamento de pneumotórax aberto, embasam a especificidade do documento. Oxigênio suplementar não é a regra no atendimento, exceto em casos precisamente descritos, como choque e altas altitudes (Mabry, 2015, p. 44).

No que se refere à circulação, os agentes de segurança rapidamente procuram por lesões no tórax, com perfurações, fazendo uso de selo de tórax valvulado ou não, para controlarem a entrada e saída de ar dos pulmões. Pois, quando ocorre perfuração nos pulmões, por ser um ambiente hermético, a entrada de ar via perfuração faz com que haja a falência do órgão e por sua vez a falência dos demais órgãos.

A necessidade de se combater a hipotermia, ou seja, evitar que o policial morra pelo fato de perder a temperatura corporal, o que também é uma questão de extrema importância, e que necessita ser verificado rapidamente.

Isso ocorre pelo fato de que, quando a pessoa perde muito sangue, é comum que o corpo perca temperatura, e por essa razão, cobrir aquela pessoa com uma manta térmica ou cobertores é fundamental para manter a sua temperatura corpórea.

O uso de torniquetes em campanha contradiz a mística civil que prega o uso dessa ferramenta apenas em último caso. De fato, sendo mais comum nos combates militares, em grandes amputações, usar o torniquete passa a ser primordial nas ações de segurança pública, o policial ferido nos membros superiores ou inferiores deve-se utilizar do torniquete, adotando alguns cuidados como marcar a hora de colocação do torniquete, bem como seu tempo de aplicação.

A compressão pélvica segue os ditames de manuais rotineiros no meio civil, exceto pelo detalhe de seu uso em caso de amputação proximal (Mabry, 2015).

O sangramento massivo, por sua vez, representa um dos principais obstáculos, quando se observa a necessidade de tratar os ferimentos dos profissionais da segurança pública, que se encontram em combate, inclusive, exige uma gama de conhecimentos, bem como de habilidades específicas, para que o primeiro atendimento possa ser considerado como proficiente.

A necessidade de deslocamento rápido e eficiente, dada a distância do evento até o primeiro local com algum recurso disponível, a severidade do ambiente, a impossibilidade de se dispor de condições mínimas para o adequado primeiro atendimento, fazem com que o assunto seja muito complexo dada a necessidade de uma abordagem específica em relação ao paciente que, independentemente do grau, quantidade ou localização das lesões necessita de rápida intervenção (Rasmussen, 2015).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

A atividade policial é eivada de grandes riscos ao agente de segurança, podendo se envolver em confrontos armados, ser ferido por facas ou outros objetos perfurocortantes, envolver-se em acidentes automobilísticos etc. Em outras palavras, os profissionais que atuam na segurança pública realmente sabem destes riscos eminentes, então, há que se imbuir no policial que adote os cuidados necessários para salvaguarda à sua integridade, e saiba atuar de maneira rápida e concisa em caso de sofrer algum tipo de lesão ou se depare com alguém ferido gravemente.

Neste diapasão, todos os agentes de segurança devem receber instruções pormenorizadas sobre o atendimento pré-hospitalar em combate, protocolo MARC 1, e devem possuir um Kit básico de materiais para esse fim, entendendo como sendo um kit de equipamento de proteção individual (EPI), que como sugestão deve conter: uma bolsa de transporte do material, facilitando seu acesso rapidamente, torniquete, ataduras, gazes hemostáticas selo de tórax, tesoura romba APH, cânula nasofaríngea, manta térmica, fonte de calor auxiliar, luvas e caneta shapie. Tudo devidamente regulamentado e aprovado pelos órgãos competentes.

Ainda, os agentes de segurança na atividade policial devem ser estimulados a realizarem exercícios de atendimento pré-hospitalar de combate, tendo inclusive treinamentos sobre como realizar a evacuação própria do local do confronto, por exemplo, até o hospital, sabendo, com propriedade, onde devem ser levados os feridos, qual hospital de referência, quem será o condutor da vítima ferida, quais policiais devem fazer o atendimento ao ferido, como transportar o ferido na viatura policial, se terá carro de apoio ou não etc. Enfim, há necessidade de que todos os operadores de segurança tenham esses conhecimentos, para que em caso de policiais gravemente feridos, possam ter maiores chances de sobrevivência.

Desta forma, os policiais necessitam fazer um planejamento de como devem agir em caso de graves ferimentos, e isto deve ocorrer em qualquer ambiente ou localidade que o policial for desempenhar a sua missão, de modo que seja muito bem pontuado entre as equipes policiais, pois no calor dos fatos, principalmente após confrontos armados, onde o nível de estresse está elevado, se não houver sintonia nas ações a serem tomadas, as chances de vida do policial ferido diminuem significativamente.

Na Polícia Militar do Paraná, acertadamente foi criado um Procedimento Operacional Padrão (POP 200.9)² com vistas ao uso adequado das técnicas de atendimento pré-hospitalar em combate, protocolo MARC-1, o qual traz orientações significativas aos profissionais da segurança pública, norteando como devem ser procedidas as ações por parte dos policiais militares, com passo a passo de cada ação a ser desencadeada, bem como os possíveis erros que podem ser evitados.

Ainda, em relação a essa sesquicentenária Instituição (PMPR) os conhecimentos de atendimento pré-hospitalar em combate, protocolo MARC-1 estão pouco disseminados, necessitando

²ESTADO DO PARANÁ- PMPR-Pop - Procedimentos Operacionais Padrão - Serie 200 <https://pt.scribd.com/document/480460541/POP-PROCEDIMENTOS-OPERACIONAIS-PADRAO-PMPR-SERIE-200> – acesso em 10 set. 2023.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA
VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

um programa continuado de instruções com vistas a instruir todo o efetivo sobre essa temática, bem como o fornecimento dos materiais necessários a tal mister, através do Estado, assim os militares estaduais possam exercer com maior excelência suas atribuições funcionais.

O que se acredita ser uma grande deficiência em todas as Polícias do Brasil, onde ainda há muita carência de instruções e equipamentos a serem disponibilizados aos operadores de segurança, em especial, no que se refere ao atendimento pré-hospitalar em combate, protocolo MARC-1, o que pode ser confirmado facilmente através dos meios de comunicação, que retratam ações policiais pelo Brasil e diversas fatalidades de seus operadores por falta de conhecimento ou equipamentos adequados a prestar o socorro às vítimas feridas gravemente.

O protocolo MARC-1, em suma, necessita de 16 (dezesesseis) horas de curso aos operadores de segurança, de onde são demonstradas todas as fases do processo de atendimento pré-hospitalar em combate, assim, os policiais são capacitados em tal mister, e, com os equipamentos adequados conseguem dar os primeiros atendimentos a feridos graves, antes mesmo de serem transportados ao hospital.

3. CONSIDERAÇÕES

O presente artigo destacou de maneira clara, como os profissionais que atuam na segurança pública de uma maneira geral e suas incertezas e apreensões emocionais, sendo de extrema importância destacar como em diversos momentos, os policiais são atacados por criminosos, e por vezes, mortos ou feridos durante o desempenho de suas atribuições, bem como podem se envolver em acidentes de trânsito ou mesmo socorrer pessoas feridas gravemente.

Que o cenário da atividade policial está cada dia mais caótico, com leis inócuas, desrespeito à autoridade constituída, excesso de direitos e poucos deveres da população, falta de amparo dos Poderes constituídos, imprensa tendenciosa, entre outros, que favorecem as ações criminosas contra a sociedade e aos agentes de segurança.

Por esse motivo, o atendimento pré-hospitalar em combate, protocolo MARC-1, representa um grande avanço que, quando colocado em prática, acaba desenvolvendo uma maior possibilidade de salvar os policiais, tão logo sejam vítimas de ferimentos graves.

Trata-se de um protocolo eficaz, trazido de forma muito assertiva, onde a atuação do agente de segurança pública é focada na manutenção da vida do policial ferido gravemente, de onde, seguindo-se o processo *mnemônico*, busca conter hemorragias e sangramentos massivos, visa observar e desobstruir as vias aéreas, preocupa-se com a respiração e possíveis lesões no tórax e, por fim, os cuidados com a hipotermia ou perda de temperatura e calor.

A situação e o ferido deverão ser avaliados antes de se iniciar o resgate ou a remoção levando-se em conta o risco extraordinário, sendo necessário, primeiramente, que não haja mais perigo eminente e possa gerar mais vítimas, para então dar-se o suporte de Atendimento pré-



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

hospitalar em Combate, seguindo de uma evacuação eficaz até o atendimento especializado em hospital de referência.

Ressaltando que as ocorrências policiais podem se desencadear em ambientes hostis, e as ações policiais podem ocorrer em qualquer lugar e hora, inclusive nos locais de difícil acesso, como áreas rurais inóspitas.

Desta forma, enfatiza-se que tais conhecimentos nas situações de emergência devem ser fomentados para que todos os operadores da segurança pública realizem com maestria tais cuidados pré-hospitalares e suas próximas ações de resgate e remoção.

Finalmente, vale ressaltar que esta temática deve fazer parte do dia a dia dos policiais, onde o Estado deve investir na formação, treinamento e compra de equipamentos que possam oferecer maior segurança no desempenho da missão policial, que dia a dia se torna mais difícil e com maiores riscos à integridade de seus operadores. Desta forma, quando o policial está devidamente adestrado e treinado, com as ferramentas necessárias ao atendimento pré-hospitalar de combate sob o protocolo MARC 1, este traz reais chances de manter a própria vida ou de terceiros que porventura forem vítimas de ferimentos graves.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. **A cabeça do brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BAYLEY, D. H. **Criando uma teoria de Policiamento**: in Padrões de Policiamento. Coleção Polícia e Sociedade. São Paulo: Edusp. 2001. Vol. 1.

BITTNER, E. **Aspectos do trabalho policial**. São Paulo: Editora Edusp, 2003.

CHIBA, S. Risco a Integridade Física Policial. **Revista da Polícia Militar do Estado de São Paulo, A Força Policial**, São Paulo, n. 18, p. 53-55, 1998.

COLLA, E. **Atendimento Pré-Hospitalar em Acidentes no Estado de São Paulo**: Competências Legais e Operacionais. 2005. Monografia (Curso Superior de Polícia) – Centro de Altos Estudos da Polícia Militar do Estado de São Paulo, São Paulo, 2005.

FONTELLE, M. J. Trauma torácico e o protocolo Marc-1: fatores de risco de complicações pleuropulmonares pós-drenagem pleural fechada. **Rev. Col. Bras. Cir.** [Internet], 2000.

GREENE, J. (Org.). **Administração do Trabalho Policial**. São Paulo: Edusp. 2002. (Coleção Polícia e Sociedade).

MABRY, R. L. **Challenges to Improving Combat Casualty Survivability on the Battlefield**. [S. l.: s. n.], 2015.

MATTOS, G. D. Vivendo entre a segurança e o risco: implicações à saúde do policial militar/Living in the midst of security and risk: implications on military police officers' health. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 15, n. 1, p. 77-84, 2016.

MEIRELLES, H. **Direito Administrativo Brasileiro**. 25. ed. São Paulo: Malheiros, 2000.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR EM COMBATE - APHC - PROTOCOLO MARC1- UMA FERRAMENTA
VITAL AOS OPERADORES DA SEGURANÇA PÚBLICA
Anderson Cristo Piske

OLIVEIRA, B. F. M.; TEIXEIRA, E. V. **Trauma**: Atendimento Pré-Hospitalar. São Paulo: Atheneu, 2002.

PASETTO, P. **APH Tático**: Particularidades no Atendimento. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares) - Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2010.

RASMUSSEN, T. E. Ahead of the curve: Sustained innovation for future combat casualty care. **J Trauma Acute Care Surg.**, v. 79, n. 4, 2015

SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S. Policial, risco como profissão: morbimortalidade vinculada ao trabalho. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 4, p. 917-928, 2005.

VENANCIO, M. **Medicina Militar**: Atendimento Pré-hospitalar no Ambiente Tático. 2008. Trabalho de conclusão de Curso (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares) - Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2008.